O BOLSONARISMO COMO ASPECTO DO COLAPSO DA MODERNIZAÇÃO: APONTAMENTOS SOBRE A CATÁSTROFE BRASILEIRA

BOLSONARISMO AS AN ASPECT OF THE COLLAPSE OF MODERNIZATION: NOTES ON THE BRAZILIAN CATASTROPHE

EL BOLSONARISMO COMO ASPECTO DEL COLAPSO DE LA MODERNIZACIÓN: NOTAS SOBRE LA CATÁSTROFE BRASILEÑA

FREDERICO RODRIGUES BONIFÁCIO

Doutorando em Geografia – Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG), Belo Horizonte/MG
E-mail: fredrodrigues93@gmail.com

Resumo
A presente elaboração intenta, a partir de aspectos do radicalismo de direita contemporâneo, apresentar alguns elementos concernentes ao sentido histórico do bolsonarismo. Argumenta-se que o contexto hodierno não pode ser compreendido como mero irracionalismo, como apenas um recrudescimento liberal, tampouco ser identificado sem mediações com o fascismo clássico. Trata-se antes de compreendê-lo em seu momento histórico: qual seja, o de crise radical do sistema capitalista. A compreensão de tal historicidade demandou um esforço transdisciplinar e transescalar que nos permitisse articular aspectos objetivos da história da modernização capitalista com a formação de subjetividades danificadas e de personalidades autoritárias tendentes ao fascismo, e aptas a se identificarem com personificações de seus próprios ressentimentos, como se verifica no Brasil contemporâneo.

Palavras-chave: Radicalismo de Direita; Crise; Fascismo; Brasil Contemporâneo

Abstract

The present elaboration intends, as from aspects of contemporary right-wing radicalism, to present some elements concerning the historical sense of bolsonarismo. It is argued that the current context cannot be understood as mere irrationalism, as just a liberal resurgence, nor can it be identified without mediation with classical fascism. Rather, it is a question of understanding it in its historical moment: the radical crisis of the capitalist system. The understanding of such historicity demanded a transdisciplinary and transcalar effort that would allow us to articulate objective aspects of the history of capitalist modernization with the formation of damaged subjectivities and authoritarian personalities tending towards fascism, and able to identify with personifications of their own resentments, as if check in contemporary Brazil.

Keywords: Right-wing Radicalism; Crisis; Fascism; contemporary Brazil.

Resumen

La presente elaboración pretende, a partir de aspectos del radicalismo de derecha contemporáneo, presentar algunos elementos sobre el sentido histórico del bolsonarismo. Se argumenta que el contexto actual no puede entenderse como un mero irracionalismo, como un simple resurgimiento liberal, ni puede identificarse sin mediación con el fascismo clásico. Se trata de entenderlo en su momento histórico: la crisis radical del sistema capitalista. La comprensión de tal historicidad exigió un esfuerzo transdisciplinar y transescalar que nos permitiera articular aspectos objetivos de la historia de la modernización capitalista con la formación de subjetividades dañadas y personalidades autoritarias tendientes al fascismo, y capaces de identificarse con personificaciones de sus propios resentimientos, como si chequear en Brasil contemporáneo.

Palabras-clave: Radicalismo de Derecha; Crisis; Fascismo; Brasil Contemporáneo.

Introdução

"A situação é demasiado crítica, para que a ausência de crítica esteja à sua altura". Essas palavras de Thomas Mann (1984, p.338) fazem-se mais do que nunca imperiosas ante à dissolução catastrófica do horizonte democrático da modernização brasileira. Momento histórico que tem no bolsonarismo – de forma particular – e no radicalismo de direita contemporâneo – de forma geral – sua expressão mais desenvolvida. Partindo dessa compreensão, a presente elaboração, que compõe o conjunto de preocupações de nossa pesquisa de doutorado ainda em andamento, engaja-se em um esforço transdisciplinar – perpassando pelos campos da Geografia, da História, da Sociologia e da Psicanálise – a fim de melhor compreender o radicalismo de direita contemporâneo em sua indissociável vinculação com o momento atual do capitalismo.

Trata-se aqui, nos termos da crítica marxiana do valor, de compreender os aspectos do radicalismo de direita contemporâneo em sua vinculação com o colapso da modernização capitalista. Colapso esse que, em suma apertada, comunica-se a um aumento crescente da composição orgânica dos capitais em todos os setores da economia, ou, em outros termos, da dispensa relativa contínua de força de trabalho. Donde os capitais de distintos setores, sob condições de concorrência, aumentam a partir desse mecanismo a capacidade produtiva, produzindo assim uma massa cada vez maior de valor. A despeito desse crescimento *aparente*, *passa às costas* dos capitais particulares a tensão entre a massa e a magnitude do valor produzido, tensão essa que só pode se revelar tendo em conta o capital global. Isso porque, "como a demanda de trabalho não é determinada pelo volume do capital global, mas por seu componente variável, ela cai progressivamente com o crescimento do capital

global, ao invés de, como antes se pressupôs, crescer de modo proporcional com ele" (MARX, 1986, Livro I, Tomo II, p. 260).

Esse movimento contraditório já assinalado desde Marx, no entanto, não poderia se repetir indefinidamente como se os ciclos de valorização e desvalorização constituíssem uma espécie de fênix que passa "da eterna destruição à eterna auto-renovação" (KURZ, 1995, s.p). Nesse desdobramento categorial, a sociabilidade fundada na tautológica valorização do valor teria atingido seus limites históricos absolutos. Se tal hipótese até o ano de 2008 era tomada como uma espécie de messianismo apocalíptico, a crise que se torna visível a partir da derrocada do *subprime* nos Estados Unidos – e que logo ganha proporções globais – desvela as possíveis limitações de uma sociedade lastreada no processo de valorização. Como afirmou David Harvey (2011, p.12-3), "um mundo que antes parecia estar inundado de excesso de liquidez de repente se viu sem dinheiro e inundado por casas, escritórios, *shopping centers* em excesso".

É preciso salientar, contudo, que essa crise global tem implicações diretas no cotidiano e nas formas reais de consciência que consubstanciam esse cotidiano. O núcleo familiar moderno, indissociável do patriarcado que o constituiu, por exemplo, experimenta de maneira particular o tempo histórico do colapso da modernização capitalista, o que se realiza, como veremos, como um asselvajamento do patriarcado manifesto nos surtos de ódio, intolerância e violência tão recorrentes no tempo presente.

A presente elaboração, portanto, procederá um trânsito entre as escalas, perpassando do global ao nacional, chegando mesmo à ordem próxima do núcleo familiar, a fim de compreender o sentido e a atualidade do radicalismo de direita contemporâneo, tendo em vista que embora tal fenômeno se ponha na particularidade

brasileira não pode ser explicado apenas e tão somente por ela. É que nossa preocupação central se situa precisamente na tensão dialética entre a universalidade crítica e a particularidade que tanto a experimenta quanto a repõe. Vejamos: em um primeiro momento, a partir de dois exemplos do cotidiano hodierno, buscaremos pôr em questão a formulação corrente de que o bolsonarismo seria uma espécie de fascismo ou de neofascismo. Para verificar a pertinência dessa formulação será necessário compreender o sentido e o conteúdo histórico do fascismo em uma interpretação que o inclua como momento da história da modernização capitalista, e não como um desvio na história dessa modernização. Em um segundo momento tematizaremos o duplo caráter do fascismo: pois, se por um lado teve historicamente um papel modernizador, por outro trouxe em seu âmago a crítica truncada – e falsa – da modernização capitalista. Dualidade essa que, como veremos, coliga medo e ódio enquanto formas de conservação do *status quo*. Na parte final do texto apresentaremos ainda alguns aspectos da linguagem e da estética fascista que se revelam preservados nas manifestações autoritárias contemporâneas.

Fascismo? O novo e o velho radicalismo de direita na história da modernização

O contexto catastrófico do Brasil contemporâneo – marcado pelo bolsonarismo – tem sido com frequência associado à ideia de uma ressurgência fascista ou neofascista. Não é preciso muitas delongas para que a aproximação do contemporâneo ao conceito de fascismo demonstre algum nível de pertinência: em maio de 2021, quando esta passagem é redigida, o Brasil supera a marca de 400 mil mortes em decorrência da COVID-19, chegando a ultrapassar as 4

mil mortes diárias em alguns momentos. Isso, ao mesmo tempo em que o presidente do país, Jair Bolsonaro, insiste em pregar contra o isolamento social, o uso de máscaras e relativizar a importância da vacina, além de dificultar reiteradamente o acesso à mesma. Esse contexto grotesco, no entanto, não pode ser apreendido a contento tendo por referências figuras de destaque que *parecem* personificar a irracionalidade em curso. Mesmo porque bastaria um olhar a momentos do cotidiano, elevados ao nível do absurdo, para notar que o irracional não opera apenas ao nível institucional ou por meio daqueles que personificam o poder de governo. Rememoremos aqui dois fatos que, longe de esgotarem o quadro, parecem-nos apresentar elementos importantes para que possamos avançar na compreensão da catástrofe em curso:

Em 25 de março de 2021, um dos inúmeros atos de apoio a Jair Bolsonaro, ocorreu em São Leopoldo, no Rio Grande do Sul: um pequeno grupo de manifestantes, vestido de verde e amarelo, bradava em frente à prefeitura da cidade contra a possibilidade de Lockdown anunciada pelo prefeito Ary Vanazi (PT) três dias antes. O grupo se manifestava ainda a favor do tratamento precoce contra a COVID-19, simbolizado por uma enorme caixa de Cloroquina para a qual prestavam continência.

Figura 1: Apoiadores de Bolsonaro prestam continência a uma caixa de Cloroquina



Fonte: https://revistaforum.com.br/brasil/coronavirus/bolsonaristas-batem-continencia-para-caixa-gigante-de-cloroquina-no-rs/. Acesso em 27 de abril de 2021.

Três dias depois, em Salvador, na Bahia, um policial militar em surto chega ao Farol da Barra uniformizado, armado com um fuzil e uma pistola e com o rosto pintado de verde e amarelo, atira várias vezes para o alto e arremessa grades, isopores e bicicletas ao mar. O militar é cercado pelo Bope (Batalhão de Operações Especiais), que tenta estabelecer uma negociação. Depois de mais três horas, o militar abre fogo contra os agentes do Bope e é baleado, falecendo horas mais tarde em um hospital em Salvador. No dia seguinte, a Deputada Federal Bia Kicis (PSL-DF), ferrenha apoiadora de Jair Bolsonaro, usa suas redes socais para incentivar – a partir do ocorrido na véspera – um motim contra o governador da Bahia, Rui Costa (PT): "Soldado da PM da Bahia abatido por seus companheiros. Morreu porque se recusou a aprender (sic) trabalhadores. Disse não às ordens ilegais do governador Rui Costa da Bahia. Esse soldado é um herói. Agora, a PM da Bahia parou. Chega de cumprir ordem

ilegal", diz a deputada em referência ao fechamento do comércio decretado no estado devido ao agravamento da pandemia. Nos dias que se seguiram, milhares de postagens e comentários em redes sociais elevavam o militar morto no Farol da Barra ao patamar de uma espécie de herói nacional.

Figura 2: Militar armado em surto no Farol da Barra



Fonte: https://g1.globo.com/ba/bahia/noticia/2021/03/28/policial-militar-dispara-tiros-para-cima-na-regiao-do-farol-da-barra-em-salvador.ghtml. Acesso em: 27 de abril de 2021.

Se tais momentos de aparentes surtos individuais e coletivos fornecem-nos imagens dialéticas de uma flagrante desintegração do corpo social, a compreensão dessas *imagens* apenas é possível se elas não forem isoladas como irracionalidades frente a uma racionalidade a qual elas apareceriam como *mero* desvio. Se de fato o irracional ganha corpo nessas manifestações, é preciso ter em conta que elas revelam muito mais da ordem dita racional do que poderia supor a consciência esclarecida e democrática. Como nos diria Marx (2010, p.82): "que o racional é real, isso se revela precisamente em contradição com a realidade irracional, que, por toda parte é o contrário do que afirma ser e afirma ser o contrário do que é".

Precisamente nessa medida, seria necessário compreender tais irracionalidades em associação aos momentos ditos racionais e progressistas, tendo em conta a decisiva imbricação entre ambos. Noutros termos, o radicalismo de direita manifesto no colapso brasileiro da modernização é menos uma espécie de irracionalismo, como poderia compreender a tradição de pensamento oriunda de Georg Lukács (2020),[1] que a consumação da racionalidade mesma; ou, nos termos de Horkheimer: "o fascismo fixa[ndo] os resultados sociais do colapso capitalista"(apud CATALANI, 2020, p.42).

Conferir o devido sentido a essa formulação, no entanto, requer mediação histórica. Pois, se o processo aludido não pode ser compreendido por meio daqueles que personificam o que aparece como irracional, tampouco pode ser simplesmente identificado sem mediações com o fascismo clássico ocorrido no contexto europeu do século passado. O fenômeno fascista é compreendido aqui em uma dupla historicidade: por um lado como fenômeno historicamente situado na Europa no segundo quartel do século XX, e por outro como latência histórica, na medida em que as condições que tornaram possível a barbárie nazifascista não se encontram superadas. Nos termos de Adorno (1995, p.29), "o nazismo sobrevive, e continuamos sem saber se o faz apenas como fantasma daquilo que foi tão monstruoso a ponto de não sucumbir a própria morte, ou se a disposição pelo indizível continua presente nos homens bem como nas condições que os cercam". O que se formula, portanto, não é a

[1] Em seu *A destruição da razão*, Lukács (2020), no intento de compreender o fenômeno fascista, formula o irracionalismo como sendo como sendo um fenômeno internacional do período imperialista, dedicando-se, assim, a compreender a consubstanciação de tal irracionalismo de Nietzsche a Hitler, passando Schelling, Schopenhauer e Kierkegaard. Mais que personificar e subjetivar um processo objetivo, Lukács acaba por cindir antidialeticamente a tensão entre racionalidade e irracionalidade, buscando salvaguardar a primeira e escamoteando que a constituição mesma da razão funda e aprofunda o momento irracional como condição decisiva do progresso e da modernização.

repetição do que ocorreu no contexto europeu do século XX, mas a atualização do sentido histórico do radicalismo de direita que resguarda fundamentos similares com o passado de imposição do moderno e patriarcal sistema produtor de mercadorias (SCHOLZ, 1992). Se o primeiro momento se comunica de maneira decisiva com a modernização alemã e a imposição da forma social de valor, o segundo se comunica com o esgotamento dessa forma social mesma, com seus limites internos e absolutos. Nos termos sintéticos de Robert Kurz (2020, p.59), "o velho radicalismo de direita foi um fenômeno da ascensão das crises de desenvolvimento do sistema produtor de mercadorias, que ainda tinha diante de si um espaço de desenvolvimento histórico", sendo desse modo, "uma função do 'crescimento interno' no interior das vestes ainda não completamente preenchidas do universalismo abstrato no campo do trabalho, do povo e da nação". Se configurou, em suma, como uma força modernizadora, nos termos da modernização capitalista. O radicalismo de direita contemporâneo, por sua vez, "já é ele mesmo uma forma visível do esgarçamento daquelas vestes".

Nesses termos, compreende-se a pertinência da formulação de Horkheimer (apud CATALANI, 2020, p.11) segundo a qual "quem não quer falar do capitalismo deveria calar-se sobre o fascismo". E, em que pese as particularidades da formação alemã, o antissemitismo e o radicalismo de direita longe estiveram de se pôr como mote modernizador apenas na Alemanha. O próprio Kurz (2020, p.61) afirma que "no que concerne à barbárie em geral, os seus elementos podem ser encontrados em todos os surtos de imposição da história da modernização". A própria modernização brasileira, aliás, não coincidentemente tem um forte vínculo com antissemitismo presente na era Vargas. As teorias integralistas têm vínculo

umbilical com a modernização brasileira. Não em vão Maria Luiza Tucci Carneiro (1988; 2010) argumenta que o antissemitismo no período do Estado Novo tem um "corte moderno", que resguarda mais proximidade com o Nazismo do que com o comportamento antissemita clássico de fundamentação cristã. "O discurso antissemita veiculado no Brasil entre 1930 e 1945 reunia atributos que, no seu conjunto, transformavam o judeu em um ser parasita, indigesto" (CARNEIRO, 2010, 223), e esse era ponto central da perseguição e não propriamente os fundamentos religiosos e raciais, embora, evidentemente, eles estivessem presentes. Não ocasionalmente, um autor como Jeffrey Lesser (1995) compreende como ambígua a política brasileira do período em relação aos judeus. Se por um lado, a perseguição era notória, por outro, de maneira estratégica, o governo brasileiro abria brechas em suas políticas migratórias. É que o próprio imperativo da modernização brasileira – pano de fundo decisivo do período – impunha que o Estado brasileiro tratasse de modo distinto determinados grupos judeus, precisamente na medida em que se compreendia a capacidade que esses indivíduos específicos tinham de corroborar um projeto de modernização nacional. Ambiguidade essa que não passa despercebida, por exemplo, a Antônio Candido (1988, p.13), que comentando acerca da vinculação entre o antissemitismo e a modernização brasileira afirma que "um pano de boca que parecia dar ingresso ao mais ameno dos mundos, [...] abre na verdade para alguns recantos do inferno".

Desse modo, se é necessário distinguir o antissemitismo de raízes propriamente cristãs do antissemitismo com vinculações nazifascistas, é igualmente imprescindível ter em conta as rupturas e continuidades entre o velho radicalismo de direita – como o

verificado na primeira metade do século XX – e o novo radicalismo de direita – como o que se verifica hodiernamente, e não raro é tratado sem qualquer mediação como neofascismo. Se o nazifascismo, tal como ocorreu no século XX nos Estados tardiamente unificados da Europa, é uma particularidade histórica que não pode ser imputada *ad hoc* a quaisquer formas autoritárias de governo, isso não quer dizer – como bem formula Theodor Adorno (1995) – que as condições históricas de tal catástrofe se encontrem superadas. Robert Kurz (2020) tem certa razão ao se opor a Adorno e afirmar que, não apenas do ponto de vista do sentido histórico da formação, o nazismo não poderia se repetir, mas também do ponto de vista de suas técnicas: o campo de concentração tal como ocorreu na Alemanha é uma especificidade histórica que não pode ser desconsiderada. Mas o campo de forças que tornou possível tal catástrofe é o que está em questão, e, desse ponto de vista, o campo de referências segue sendo o mesmo: uma espécie de reverso obscuro do processo mesmo da modernização agora generalizada. De tal modo, que o que está em questão nos dois momentos da história da modernização é o mesmo campo de forças coligado na forma mercadoria. Noutros termos, "a capitalização da vida até seu mais recôndito poro encetou uma das maiores barbáries da história humana no momento de sua instauração e ameaça produzir novas barbáries no momento de sua derrocada" (BONIFÁCIO, 2018, p.155).

O que está aqui em questão, em última instância, é a dupla historicidade simultânea da crise e da modernização; seu movimento diacrônico. É que "há de se diferenciar de novo entre as crises no contexto da constituição histórica do capital e as crises no âmbito de seu movimento 'em si mesmo', com base nos próprios fundamentos" (KURZ, 2014, p.216). Trata-se, em suma, da distinção e da dialética

histórica entre a fase ascendente do capitalismo e sua fase de automediação. Pois, concluída sua fase ascendente, ou seja, irrompida a quase totalidade dos limites externos, resta ao capital tornar-se idêntico a si mesmo na forma mais desenvolvida da tautologia que o define.

> No processo protomoderno da constituição estamos, antes de mais, perante crises de imposição da lógica do capital, ou seja, fricções que resultam do embate com formas de reprodução pré-capitalistas baseadas nas "relações com Deus" e na representação pessoal pela qual as mesmas se pautam. Estas crises imediatamente ligadas à imposição confundem-se com contradições da nova e incipiente lógica do dinheiro, ainda no plano subdesenvolvido "da circulação" (Ibidem, p.217).

Se tal é verdade para o centro do capitalismo, onde Marx e Kurz formulam e desenvolvem suas teorias, em países periféricos e de modernização *tardia*, tal como o Brasil, o conceito tem ainda maior teor de verdade. Não é ocasional que Paulo Arantes tenha captado uma dualidade que consubstancia a experiência intelectual brasileira, sentimento que "impregnaria a vida mental de uma nação periférica" (ARANTES, 1992, p.14), ou que Anselmo Alfredo (2013, p.219) afirme que a *tardia* industrialização brasileira "internalizou as contradições da economia mundial antes mesmo de generalizar o desenvolvimento das forças produtivas internas à economia brasileira". O que aí se impõe é a compreensão de que o escrutínio da crise – sobretudo na periferia do mundo – demanda a compreensão de que a identidade do capital enquanto movimento se põe como um duplo em negativo. A expansão geográfica do modo de produção não apenas é simultânea à sua negação como impõe a negação mesma da própria expansão. A fase ascendente do capital põe e convive com sua fase de automediação, o que se expressa na crise da modernização, como impossibilidade lógica e histórica seja de ascender

infinitamente seja de se automediar *ad eternum* a despeito dos limites físicos do mundo. A forma própria do colapso se poria então como esgotamento do caráter relativo do limite interno em função de sua nova condição como limite absoluto. Se na fase ascendente o interno é relativo ao externo, na fase automediada ele é autorreferente, ou seja, limite de si mesmo.

Ódio e paixão pelo abstrato no velho e no novo radicalismo de direita

Ter em conta a simultaneidade e a diacronia da crise e da modernização é central para que compreendamos o campo de referência comum ao velho e ao novo radicalismo de direita. E se, conforme Kurz argumenta ao longo de toda sua obra, a década de 1970, com a decisiva revolução microeletrônica, representa um ponto de inflexão no que concerne à dinâmica do moderno e patriarcal sistema produtor de mercadorias, isso não quer dizer que o processo de dissolução da mediação social fundada na abstração trabalho não estivesse em curso já no lume do progresso. O próprio Adorno (2020) que, em que pese a crítica da demolidora da razão, permanecia, de certo modo – até por não levar a termo uma crítica da economia política desde à produção –, um democrata, compreendeu bem que os novos radicalismos de direita que afloravam nos pós-guerra, tanto na Europa quanto nos Estados Unidos, comunicavam-se já a esse esgarçamento. E compreendia ainda que ambos os momentos – o velho e o novo radicalismo de direita – deviam tributo a um ódio não elaborado para com o abstrato. Nesse aspecto, a clássica formulação de August Bebel, em um pronunciamento acerca da Alemanha nazista, de que "o antissemitismo é o socialismo dos tolos" não deixa de ter algum teor de verdade. Pois, distintamente daquele secular

antissemitismo cristão – como o tematizado por Gerald Messadié (2003) – o antissemitismo moderno – como aquele da Alemanha de Hitler – "é pouco explicado caso ele seja simplesmente subsumido a um conceito mais genérico de racismo", uma vez que "opera como crítica primitiva do mundo, distinguindo 'capital produtivo (*schasffendes kapital*), ao qual se vincula o lado positivo concreto e 'capital rapinante' (*raffendes kapital*), que seria o momento 'negativo' e abstrato do capital (o próprio NSDAP[2] utilizava esses termos em seu combate à 'servidão do juros' [*zinsknechtschaft*])" (CATALANI, 2020, p.23). O que torna não exagerado dizer que havia no nacional-socialismo alemão, contraditoriamente, uma pretensão anticapitalista, corporificada em ódio contra os dominantes que "personificam o abstrato a parasitar o concreto" (Idem). De modo que a "fábrica negativa" (KURZ, 1999) que se tornou Auschwitz, pode ser compreendida precisamente como esse ódio irracional contra os que personificam a abstração real, mal percebida enquanto abstração *falsa* que parasita os momentos concretos – não percebendo aí o quão falso é o próprio concreto ao nível da totalidade.

> Uma fábrica capitalista é o local onde é produzido valor, algo que "infelizmente" tem de assumir a forma de produção de bens, de valores de uso. O concreto é produzido enquanto suporte necessário para o abstrato. Os campos de extermínio não eram uma versão terrível dessa fábrica, mas, ao invés, devem ser vistos como a sua negação grotesca, Ariana, "anticapitalista". Auschwitz era uma fábrica para "destruir o valor", isto é, para destruir as personificações do abstrato. A sua organização correspondia a um processo industrial demoníaco [*fiendish*], cujo objetivo era "libertar" o concreto do abstrato. O primeiro passo constitui em desumanizar, ou seja, arrancar a "máscara" de humanidade, de especificamente qualitativa, e revelar os judeus como aquilo que "realmente são" – sombras, cifras, abstrações numéricas. O segundo passo consistiu em erradicar essa

[2] Partido Nacional-Socialista dos Trabalhadores Alemães.

> abstração, transformá-la em cinzas, procurando durante o processo despojá-la dos traços remanescentes do "valor de uso" material concreto: roupas, ouro, cabelo, sabão, etc. (POSTONE, 2012, p.27).

Esse ódio – mal elaborado – ao abstrato persiste até os dias atuais nas críticas truncadas a certo capitalismo rapinante que seria, graças à ganância especulativa dos agentes do capital financeiro, a grande força motora do capitalismo de catástrofe contemporâneo. Os processos de financeirização e ficcionalização do valor – oriundos eles mesmos da crise do capital ante seu limite interno absoluto – são reiteradamente personificados nesses agentes como se bastasse eliminá-los para superar o momento crítico. Tal fundamento antissemita inaudito largamente difundido, inclusive nas esquerdas acadêmicas, se comunica decisivamente à atribuição de um polo positivo ao lado concreto da forma social. Os momentos concreto e abstrato da forma social não são aí tomados como contradição real da forma, mas como momentos ambíguos. E como bem formula Henri Lefebvre (1980, p. 226, tradução livre), "a ambiguidade exclui a consciência da ambiguidade. Sociologicamente, é uma categoria da inconsciência e da ignorância ou antes do desconhecimento e do mal-entendido, da aparência misturada ao 'real'". No interior de tal ambiguidade, ataca-se o abstrato em defesa do concreto, escamoteando o fato de que essa concretude mesma só pode sê-la no campo de referências comum da abstração real moderna. A tentativa de salvação do concreto via aniquilação do abstrato equivale à autoaniquilação.

Esse ódio ao abstrato assume atualmente um teor distinto em relação àquele da fase ascendente do capitalismo – ainda que evidentemente os agentes que levam a cabo essa repulsa não tenham consciência dessa distinção que lhe *passa às costas* –: se o nacional-

socialismo nutria um ódio pelo aparentemente abstrato e improdutivo em um momento histórico ainda de ascensão do produtivo, e em que a definição leniniana do capital financeiro como amálgama entre capital bancário e capital industrial (LENIN, 2012) ainda fazia jus a tal mediação; o novo radicalismo de direita – e mesmo alguns setores da esquerda – nutre seu ódio contra um financeiro que passou a determinar o produtivo em sua totalidade, e em um momento no qual "a relação inverteu-se: a reprodução real tornou-se o apêndice duma gigantesca bolha de 'capital fictício' nas suas diversas formas fenomênicas e nos seus diversos estados de agregação, em vez de produzir essa bolha como mera emanação do seu interior" (KURZ, 1995, s.p). Essa inversão de teor pôde ser apreendida por Adorno ainda na década de 1960 quando o otimismo do contexto *welfare* tomava conta das ciências sociais, embotando a crítica. Ao se ater aos novos radicalismos de direita que se aprofundavam na Europa do pós-guerra, bem como nos Estados Unidos – quando no desenvolvimento da pesquisa acerca da "personalidade autoritária"[3] – Adorno afirma que

> apesar do pleno emprego e apesar desses sintomas de prosperidade, o fantasma do desemprego tecnológico continua a rondar de tal modo que, na era da automatização [...] também as pessoas que estão no processo de produção sentem-se já como potencialmente supérfluas [...] elas sentem na verdade como desempregados potenciais (ADORNO, 2020, p.47).

Noutros termos, o novo radicalismo de direita se apresenta como catalisador da dissolução catastrófica da forma social. Se indubitavelmente ocupa outro lugar na história da modernização – se pensado em relação ao período nacional-socialista –, não deixa de operar com as mesmas categorias; sendo que outrora com a imposição

[3] Cf. Adorno (2019).

delas e agora com ausência das mesmas, que não aparece como superação, mas igualmente como imposição. Uma espécie de "humilhação secundária" (HEIDEMANN, 2004), na qual após a imposição da presença das categorias que determinam a sobrevivência mobilizada pelo e para o trabalho, o progresso mesmo dessa forma social impõe a ausência dessas categorias, que persistem a organizar a vida, mas agora como pura negatividade.

Esse vazio objetivo e subjetivo imposto pela dissolução do que organizava a vida – já de maneira negativa, mas ainda de modo a permitir ao menos a reprodução imediata –, coliga o ódio ao abstrato a uma espécie de paixão [*pathos*] pelo abstrato.[4] "A crise do valor determina a conservação da (i)racionalidade crítica uma vez mais passada 'às costas' dos homens sem qualidades" (BONIFÁCIO, 2018, p.241). Não ocasionalmente, surtos de ódio são propiciados de maneira cada vez mais contundente – e pública – por homens contra mulheres. Bastaria recordarmos algumas das várias declarações notadamente misóginas de uma figura como Jair Bolsonaro. Como quando aos gritos afirmou à Deputada Maria do Rosário (PT/RS): "Não te estupro porque você não merece"[5], ou quando ao mencionar sua única filha afirmou: "Eu tenho 5 filhos. Foram 4 homens, a quinta eu dei uma fraquejada e veio uma mulher"[6] E evidentemente, não é apenas no plano do discurso que tal embrutecimento se revela. Tampouco ele pode ser atribuído apenas a esta ou aquela figura. O crescimento da violência contra a mulher, não raro culminado em

[4] Aqui o sentido psicanalítico de *pathos* não é ocasional.

[5] Cf. https://lunatenorio.jusbrasil.com.br/noticias/156410097/nao-te-estupro-porque-voce-nao-merece-volta-a-dizer-bolsonaro-a-deputada. Acesso em 11 de Maio de 2021.

[6] Cf. https://revistaforum.com.br/noticias/bolsonaro-eu-tenho-5-filhos-foram-4-homens-a-quinta-eu-dei-uma-fraquejada-e-veio-uma-mulher-3/. Acesso em 11 de Maio de 2021.

feminicídio, é flagrante nos últimos anos, como demonstra a tabela a seguir.

Tabela 1: Número de feminicídios por causa de morte (1996-2017)

	1996	1997	1998	1999	2000	2001	2002	2003	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	2011	2012	2013	2014	2015	2016	2017
X85 Agressao meio drog medic e subst biologicas	9	0	2	2	0	4	2	2	4	5	4	0	2	4	9	2	2	9	11	6	4	2
X86 Agressao p/meio de subst corrosivas	0	2	0	0	0	0	0	2	0	0	0	0	0	0	0	0	0	4	0	9	4	0
X87 Agressao p/pesticidas	2	0	0	0	0	2	7	0	0	5	4	0	0	2	2	0	0	0	6	4	2	0
X88 Agressao p/meio de gases e vapores	0	0	0	2	0	0	0	0	0	2	2	0	2	0	2	0	0	0	0	0	0	0
X89 Agressao outr prod quim subst nocivas espec	19	11	0	0	0	2	0	4	7	2	7	2	2	0	2	2	9	11	11	6	2	2
X90 Agressao prod quimicos e subst nocivas NE	2	22	11	11	2	4	5	4	4	5	22	4	7	11	4	4	4	17	9	4	6	4
X91 Agressao enforc estrangulamento sufocacao	279	282	292	329	385	413	460	480	513	524	493	472	548	563	550	586	669	624	649	670	617	589
X92 Agressao p/meio de afogamento e submersao	45	17	20	20	31	27	16	13	36	38	28	29	27	29	54	13	37	34	47	34	30	15
X93 Agressao disparo de arma de fogo de mao	225	133	184	201	334	286	338	346	405	398	302	423	492	498	492	667	543	480	490	507	552	510
X94 Agressao disparo arma fogo de maior calibre	32	17	31	31	49	51	52	40	70	45	46	51	51	54	28	46	43	47	56	54	45	64
X95 Agressao disparo outr arma de fogo ou NE	3710	3670	3652	3647	4107	4313	4239	4325	4130	4096	4210	3929	4000	4344	4253	4223	4477	4473	4588	4333	4428	5065
X96 Agressao p/meio de material explosivo	0	0	0	2	2	0	2	2	2	0	4	4	4	0	0	0	4	6	4	2	0	2
X97 Agressao p/meio de fumaca fogo e chamas	54	58	53	39	69	49	95	54	92	63	116	80	98	80	109	107	130	159	135	116	138	201
X98 Agressao vapor agua gases ou objetos quentes	4	4	0	7	2	4	2	0	2	2	0	0	4	0	0	0	0	4	4	9	2	2
X99 Agressao objeto cortante ou penetrante	1464	1310	1301	1307	1545	1753	1772	1800	1812	2026	2089	2041	2194	2342	2504	2610	2736	2592	2625	2565	2495	2417
Y00 Agressao p/meio de um objeto contundente	800	951	972	672	438	474	408	468	528	549	615	601	688	744	827	732	773	820	797	724	696	788
Y01 Agressao p/meio projecao de um lugar elevado	2	2	7	9	11	9	7	2	13	5	9	11	9	11	11	7	4	13	6	6	2	4
Y02 Agressao proj coloc vitima obj movimento	4	0	0	2	0	0	2	7	4	0	7	2	2	4	2	7	4	6	6	4	6	6
Y03 Agressao p/meio de impacto veic a motor	28	6	7	7	2	13	14	18	4	11	46	55	49	51	37	37	54	47	43	28	32	49
Y04 Agressao p/meio de forca corporal	24	26	27	57	29	87	106	116	103	108	140	113	144	141	181	146	154	166	183	202	264	186
Y05 Agressao sexual p/meio de forca fisica	17	24	18	24	29	36	38	33	31	34	18	33	40	22	33	26	46	54	17	47	28	28
Y06 Negligencia e abandono	11	6	7	17	9	7	9	9	7	9	18	4	2	18	7	22	13	24	26	17	13	11
Y07 Outr sindr de maus tratos	17	30	46	22	62	78	61	80	56	88	57	62	64	54	72	70	48	60	60	47	45	38
Y08 Agressao p/outr meios espec	128	168	104	52	100	49	20	22	67	61	50	47	53	45	48	66	37	52	56	52	54	60
Y09 Agressao p/meios NE	1083	977	1020	1254	1078	938	1064	952	717	666	519	394	441	501	487	490	458	547	550	468	492	478
Total	7960	7716	7753	7714	8283	8601	8719	8782	8610	8741	8806	8359	8924	9520	9714	9862	10245	10250	10378	9916	9959	10522

Fonte: Roichman (2020, p.362).

É evidente que a misoginia, bem como a violência direta contra a mulher, não são exclusividades do período atual. O que se formula é que a crescente dessa violência – como subsidia-nos os dados – somada ao espaço que manifestações inequivocamente misóginas passaram a ter do ponto de vista público e institucional, revela um teor distinto dessa violência. Processo esse que longe está se restringir ao Brasil. A eleição de Donald Trump nos Estados Unidos, por exemplo, em nada pode ser desvinculada desse mesmo teor histórico. Ainda em 2016, ao se perguntar quem eram os eleitores de Donald Trump, e porque seus discursos extremos mais atraíam que repeliam certas camadas da população estadunidense, o jornalista Michael Goldfarb, muito em função do seu diálogo com o sociólogo Todd Gitlin – que tem estudado a nova direita no país –

chegou a relevantes termos para a questão. Os eleitores fiéis a Donald Trump representavam na época cerca de 40% do eleitorado, vinham de quatro derrotas nas últimas seis eleições presidenciais, mas haviam permitido "ao Partido Republicano o controle do Congresso e do governo de vários Estados, tornando quase impossível para administrações democratas a missão de governar o país" (GOLDFARB, 2016). Consistia em uma camada da população tanto ressentida quanto paranoica com a crise econômica de 2008 e com os atentados de 11 de setembro de 2001. Eram "majoritariamente indivíduos brancos que previamente votavam em candidatos democratas". Gitlin (apud GOLDFARB), no entanto, compreende que as raízes dessa camada podem ser encontradas em períodos bem anteriores, mais especificamente na década de 1930, nos períodos de seca que criaram um êxodo rural dos Estados de Oklahoma e Kansas.

> Muitos desses fazendeiros e suas famílias foram para a Califórnia, transformando-se em partidários de políticos republicanos, como Barry Goldwater, o candidato derrotado na eleição presidencial de 1964. No final da década de 1960, muitos brancos do sul juntaram-se ao Bloco por conta da aprovação da legislação que deu à população negra igualdade de direitos, inclusive o voto. Nos anos 70 e 80, recessões levaram ao fechamento de fábricas no norte dos EUA. Comunidades em regiões como Johnstown, na Pensilvânia, foram devastadas pelo desemprego e muitas pessoas tiveram que deixar a região para procurar trabalho, normalmente em condições bem diferentes das que tinham sustentado gerações e permitido o crescimento de comunidades. Foi um deslocamento tão violento quando o dos anos 1930. Também se juntaram ao Bloco pessoas que discordaram da decisão judicial que deu às mulheres americanas o direito de aborto em 1973 – o Partido Republicano tradicionalmente se opõe à interrupção da gravidez. Nos últimos 50 anos, os democratas também passaram por mudanças. Sua configuração é mais diversa e dedicada a usar a legislação de direitos civis para reverter os efeitos de anos de discriminação contra minorias e mulheres, além de defender uma legislação mais liberal em assuntos de sexualidade. Uma maioria esmagadora de negros, e significante de hispânicos e asiáticos vota nos

> democratas, enquanto brancos com curso superior dominam o partido. Identidade e política de gênero são discussões regulares nos campi universitários e na grande mídia. No lado democrata, muito tem se falado sobre a identidade do homem branco (GOLDFARB, 2016, s.p).

Não ocasionalmente a mídia estadunidense, em especial o jornal *The New York Times*, se dedicou a publicar entre 2016 e 2020 dezenas de matérias acerca do "homem branco raivoso" [*angry white man*]. O que evidentemente não vedou que mulheres também personificassem esse ressentimento: o emblemático diálogo entre Michel Goldfarb e Bonnie Cordova, uma correligionária de Hilary Clinton, ajuda a compreender o que estava em questão na popularidade de Trump. Ao ser perguntada pelo jornalista se ela conseguia compreender o que tornava Trump uma alternativa a uma camada tão vasta da população estadadunidense, Corodova respondeu:

> "Lecionei em escola de grandes centros urbanos por mais de 30 anos" [...] "Fui por algumas vezes preterida em promoções por não ser de uma minoria. Trabalhei em uma escola em que crianças imigrantes tinham tratamento dental e oftalmológico gratuito enquanto eu tinha problemas para custear o dos meus filhos." Ela admitiu o ressentimento: "É uma chama que pode ser abanada e virar ódio. Você precisa superar (os sentimentos ruins)" (Ibidem).

O ódio mobilizado contra aqueles que supostamente furam a fila de acesso a um mundo cada vez mais tornado "buraco de rato para elefantes" (KURZ, 1996) se comunica precisamente ao desemprego estrutural registrado desde as décadas de 1970 e 80 que tolhe a identidade e avilta a condição de provedor do homem branco. Se o que lhe conferia dignidade e a condição de sujeito, em que pese os constrangimentos objetivos do trabalho abstrato, era exatamente o invólucro do trabalho, a retirada desse invólucro equivale à demissão da própria existência. "A perda do emprego costuma ser acompanhada pela perda da identidade e das estruturas

interpessoais que até então permitiam que pessoas com ego fraco funcionassem precariamente" (JAPPE, 2017, p.269, tradução livre). E nesse contexto, as psicopatologias latentes e próprias aos indivíduos de uma sociedade sacrificial vem à tona de modo exposivo. Se por lado, a sociedade fundada na abstração trabalho deve ser criticada e superada em seu núcleo substancial, por outro, afirma Anselm Jappe, "deve-se reconhecer que o desaparecimento do trabalho também libera energias destrutivas que anteriormente estavam vinculados ao trabalho e agora vagam livremente em espaço social" (Ibidem). O vazio tanto subjetivo – perda a identidade – quanto objetivo – perda das condições de subrevivência – transmuda-se na busca por "explicações em teorias da conspiração e outras visões paranóicas. É um pouco como tentar acertar a névoa que cobre a sociedade e torna difícil ver com clareza"(Ibidem). Por isso, esses grupos "vociferam, urram como feras embriagadas que querem de volta suas jaulas – elas ao menos lhes davam um sentido seguro às suas vidas" (MENEGAT, 2019, p.145). Ameaçam, em último termo, a possiblidade de qualquer nível de sociabilidade. É o que Roswitha Scholz compreende como "asselvajamento do patriarcado"

> A crise tem repercussões diferentes nas mulheres e nos homens. Falo neste contexto de um "asselvajamento do patriarcado". Isto não significa que a relação de gênero se dissolva num sentido emancipatório. Nem tão pouco significa que a estrutura fundamental da sociedade sexualmente hierárquica se torne obsoleta. Haverá mais um abrandamento dos papéis tradicionais de gênero em condições de empobrecimento. Tais desenvolvimentos podem ser observados, por exemplo, nas favelas do chamado Terceiro Mundo. As mulheres são aqui responsáveis pela sobrevivência da família. [...] Em situações de crise social aguda a maior carga recai sobre os ombros das mulheres (SCHOLZ, 2017, s.p).

Essa "paixão pelo abstrato" que mescla o desejo de extermínio do outro e de si mesmo com a defesa obstinada das categorias que

determinam a existência nos termos hodiernos, comunica-se a uma espécie de pesadelo diurno do sujeito moderno que se corporifica em uma nova direita cuja o sentimento de catástrofe social converte-se em um "desejo inconsciente de fim do mundo" (ADORNO, 2020, p.52).

Essa pulsão de morte organizada politicamente pela nova direita – que, aliás, resguarda alguma similaridade com a postura das famílias nazistas alemãs que ante a inevitabilidade da queda do Terceiro Reich optavam por, antes de cometer suicídio, matarem seus filhos, em especial as crianças, vez que o mundo após o Reich não mereceria ser vivido – é a chave de compreensão para atitudes lunáticas como o grupo gaúcho que se mobilizou para prestar continência a uma réplica gigante de uma caixa de remédios ineficaz ao tratamento de uma doença mortal durante o período mais crítico de uma pandemia global; ou mesmo do policial baiano que acabou por dar à própria vida na tentativa de garantir que isolamento social – que poderia salvar outras vidas – não fosse cumprido. Essa franja de lunáticos [*lunatic fringe*] parece não apenas experienciar o tempo histórico de dissolução do social, de apocalipse das formas que consubstanciam a moderna forma sujeito, mas se aderir a essa dissolução, como uma espécie de astúcia última da razão no intuito de preservar a abstração que a constitui. Nos termos de Löwental & Guterman (apud CATALANI, 2020, p.35), "o medo é transformado em uma expectativa niilista mórbida, ou mesmo esperança, de destruição total"; pois esses indivíduos não querem apenas "a destruição do seu grupo, [querem], se possível, a destruição do todo" (ADORNO, 2020, p.52).

A astúcia da razão, na forma de uma subjetividade danificada, fica mais nítida se notarmos que simultaneamente a esse desejo manifesto de apocalipse opera uma defesa obstinada dos

valores tradicionais, da família, etc. A "angústia da classe média" (SCHOLZ, 2008) tornada supérflua do ponto de vista da valorização, faz essa camada experienciar a dissolução paulatina do núcleo familiar tradicional. O que não conseguem perceber é que essa dissolução não é fruto de qualquer agência comunista, dos valores de esquerda, etc., mas deve tributo ao próprio desenvolvimento capitalista, que se em um primeiro momento demandou o núcleo familiar como pressuposto para a formação do trabalho livre, agora carece se livrar desse núcleo que gradativamente se torna aporético. O desenvolvimento das forças produtivas, como se sabe, não engendrou uma maior liberdade aos indivíduos como poderiam pressupor as utopias tecnológicas que um dia vislumbraram um mundo onde as máquinas trabalhariam pelas pessoas. Ao contrário, quanto mais a força de trabalho humana foi expulsa do processo produtivo mais atores sociais tiveram de ser mobilizados pelo e para o trabalho: mulheres, crianças, idosos, etc. Ante a impossibilidade até mesmo da promessa de um emprego estável e formal, "os homens arrastam-se de emprego em emprego e de mulher em mulher e, na verdade, já não se sentem responsáveis pelas relações nem pelos próprios filhos" (SCHOLZ, 2017). Götz Eisenberg, um psicólogo com larga experiência em trabalhos em penitenciárias e que tem se dedicado a compreender o fenômeno *amok* – que não ocasionalmente começa a se tornar mais comum no Brasil[7] - considera que muito do ódio e do mal-estar narcisista difuso hoje, indissociável à compreensão do que torna possível os recorrentes ataques em escolas, não decorre propriamente de feridas graves que os pais

[7] Cf. https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/brasil/2019/03/13/interna-brasil,742630/relembre-casos-de-atiradores-em-escolas-no-brasil.shtml. Acesso em 18 de Maio de 2021.

teriam infligido, como em outros momentos da história, mas de um profundo vazio que marca sobretudo as classes médias.

> A educação negligenciada e a solidão na frente das telas pode resultar em ódio sem sujeito e sem objeto, totalmente "puro", o que gera violência cega e gratuita flutuando, um crime "sem finalidade" que permanece um enigma para o vítimas, polícia, justiça e psicólogos especialistas forenses. Sua busca por padrões compreensíveis não leva a nada de concreto, mas essa falta de motivos concretos é talvez o motivo real. [...] Ódio e amok nascem do frio, da falta do objeto, indiferença e vazio crescente (EISENBERG apud JAPPE, 2017, p.265, tradução livre).

Em um contexto de frieza e isolamento – imposto pela própria dinâmica de trabalho (ou ausência dele) – mesclado com violência e resignação, o núcleo familiar começa a se esgarçar – ou ao menos se transformar em algo radicalmente distinto do que a ideia tradicional de família historicamente propalou. Com isso, a família e o patriarcado não são superados em seu núcleo e de forma emancipatória, ao contrário, essas categorias começaram a desmoronar paulatinamente sobre si mesmas; representando, invés de emancipação, formas ainda mais diretas de dominação e violência. É que ante a cegueira do processo de dissolução em curso, a violência, o ódio e a misoginia são as respostas mesmas da razão androcêntrica ocidental. Pois se por um lado, "a raiva é uma proteção contra esse medo" (JAPPE, 2017, p.266, tradução livre), por outro, "esses atos permanecem um fenômeno predominantemente masculino" (Ibidem, p.269). O que se deve tanto a razões históricas que revelam o vínculo entre violência e masculinidade, quanto "uma consequência das tentativas de lutar contra o medo da simbiose devoradora com a figura materna arcaica – medo reforçado pelo desaparecimento de figuras paternas na família e na sociedade – e para salvaguardar uma forma de 'eu" (Ibidem).

Não é ocasional que a defesa obstinada dessas categorias em ruínas – trabalho por um lado e família por outro – encontrem porto para se ancorar precisamente em grotescas exteriorizações da figura paterna perdida – de Trump a Bolsonaro. A âncora encontrada nessas figuras comunica-se não apenas a um saudosismo conservador no que concerne à família, mas também a uma profícua imagem concreta de algo que almejam conservar. É que se tudo parece se dissolver quase a olhos vistos – do sonho da casa própria ao sonho da viagem à Disney (sonhos, aliás, diretamente vinculados ao núcleo familiar) – sem que os sujeitos dessa dissolução possam ser identificados – até por inexistirem – os novos radicais de direita, personificam por um lado os culpados pela abstração a qual não compreendem,[8] e por outro atribuem às figuras paternas perdidas o conteúdo concreto do mundo. "Quanto menos [...] há clareza do quão decapitados são os mecanismos de coerção social, mais se torna necessário hipostasiar ídolos, conjurar o bem e o mal. A necessidade da identificação e destruição do mal se impõe. Os judeus, os comunistas, os ciganos... os petistas carecem ser aniquilados" (BONIFÁCIO, 2018, p.241). O indivíduo autoritário típico do novo

[8] Adorno (2020, p.61) menciona, por exemplo, o ódio mobilizado contra os intelectuais de esquerda tanto no período nacional-socialista quanto no que concerne aos novos radicais de direita: "O termo 'intelectual de esquerda' também é uma dessas expressões para assustar. Em primeiro lugar, apela-se aí também à desconfiança alemã contra aquele que não tem cargo nem dignidade, que não tem um posto fixo, que é observado como alguém que vaga na vida, como 'alguém que vive de brisa' [*Luftmensch*], como se dizia antigamente na Polônia. Quem não se insere na divisão do trabalho, quem por meio da profissão não está ligado a uma determinada posição e, portanto, a um pensamento bastante determinado, mas que conservou sua liberdade de espírito e, de acordo com essa ideologia, uma espécie de patife e deve ser cortado fora. Entra aí certamente o antiquíssimo rancor do trabalhador manual contra o trabalho intelectual, mas de um modo completamente deslocado e tornado totalmente irreconhecível". Que no Brasil os assim chamados "intelectuais" de esquerda em geral tenham um vínculo institucional bem mais demarcado que na Alemanha, isso não chega a tocar o cerne da questão, haja vista a enorme opacidade que circunda – do ponto de vista do cidadão médio – o ambiente das universidades públicas e dos institutos de pesquisa. Configuração que a fala do ex-ministro da educação Abraham Weintraub – que contou com considerável aceitação de parte opinião pública – sobre as universidades federais serem ambientes de "balbúrdia" ilustra bem.

radicalismo de direita é mobilizado pelo medo transmudado em raiva, e esta última

> dirige-a contra um bode expiatório. Ele projeta nos objetos externos os impulsos que ele tem de lutar dentro de si mesmo. O sujeito narcisista e limítrofe [*borderline*] – na verdade, o narcisismo é um sintoma limítrofe [*borderline*] no sentido de que se situa entre a neurose e a psicose – que domina hoje está sujeito ao ódio sem sentido. Ele é devorado pelo medo de que sua estrutura psíquica possa se dissolver absolutamente, e a agressão serve como um mecanismo para reter seu ego [...] Eles facilmente apresentam um grande ressentimento sem saber para onde direcioná-lo [...] Populismos de todos os matizes se alimentam dele (JAPPE, 2017, p.265-8, tradução livre).

Nesse contexto, as chamadas classes médias que se dilataram durante décadas parecendo tender a corresponder à totalidade dos indivíduos humanos,[9] assumem um lugar decisivo. Não apenas a obsolescência de sua forma, mas também a opacidade de sua posição faz das classes médias catalisadoras da neurose objetiva do social.

Como na genealogia da tragédia nietzschiana, a necessidade da personificação do mal e do bem se comunica ao sentimento daqueles que são constrangidos a existir entre poderes percebidos como titânicos. Afinal, questiona Nietzsche (1992, p.36-7), "de que outra maneira poderia aquele povo tão suscetível ao sensitivo, tão impetuoso no desejo, tão singularmente apto ao sofrimento, suportar a existência, se esta, banhada de uma glória mais alta, não lhe fosse mostrada em suas divindades? " Na moderna e patriarcal sociedade

[9] Durante as fases de ascensão e imposição do capitalismo as classes médias tenderam a se alargar progressivamente, vez que "cada vez menos atores controlam os mercados e cada vez menos pessoas se encontram verdadeiramente alheios a ele" (BONIFÁCIO, 2018, p.110). Contexto histórico no qual a sociologia brasileira, em larga medida tributária das formulações de Martins (2007), pôde compreender como limitada a antiga ideia de exclusão social, pois todos em alguma medida estariam incluídos, ainda que se tratasse de uma "inclusão precária". No entanto, o capitalismo de catástrofe que se aprofunda hodiernamente faz com que novamente as classes médias se encolham e que parcelas cada vez maiores da sociedade sejam de fatos excluídas de qualquer possibilidade, sendo, no limite, alvos de extermínio direto.

produtora de mercadorias em colapso, trata-se da neurose imposta pelo constrangimento de sobreviver entre o desconhecido que domina e o conhecido que, por sua própria exclusão, aparece como ameaça de tomar seu lugar no mundo. Daí a tendência a se aferrar às figuras que parecem personificar uma promessa concreta. No último grande espasmo da fase de imposição do processo de modernização essa tendência assumiu a forma da promessa de um *reich* que iria durar mil anos. No momento dissolutivo da modernização, assume mesmo a forma da promessa de completa aniquilação. As duas formas aparentemente antagônicas resguardam, no entanto, o mesmo núcleo fantasioso comum: a eternidade.

As esquerdas, ou o assim chamado campo progressista, por sua vez, tem falhado substancialmente em dar respostas adequadas a este contexto, em larga medida, por não compreenderem a fundo seu estatuto. Algo próximo à afirmação de Vladimir Safatle (2020, s.p) de que "nossa pretensa supremacia intelectual ainda irá nos matar", pois,

> ela nos faz não ver como, no fundo, há uma parte da população brasileira que deseja isto e se dispôs a jogar roleta russa com todos e com elas mesmas. [...] Esta será sua forma de se sacrificar por um ideal, mesmo que este ideal não prometa nada mais do que o próprio sacrifício, nada além de um movimento permanente em direção à catástrofe.

E tal como no caso do economista que pôde deduzir dos interesses dos cervejeiros bávaros a impossibilidade da unificação da Alemanha (ADORNO & HORKHEIMER, 1985), a cegueira esclarecida frente aos fundamentos e desdobramentos da catástrofe faz com que parcela significativa da esquerda se torne "a última defensora da 'força civilizatória' do capitalismo (que nunca entra em crise, pois ela será sempre uma marolinha ou mera ideologia das políticas de austeridade), enquanto a nova direita (militares

inclusive) reconhecem a face bárbara de seu fim de linha – e está vencendo mundo afora ao se apresentarem como os Cavaleiros do Apocalipse" (CATALANI, 2019, s.p). Configuração na qual a salvação de um suposto passado dourado perdido nas ruínas mal percebidas da modernidade seria a última aposta de uma esquerda inconsciente de sua forma, e por isso mesmo apegada até o último fio à abstração real da política como se pudesse desgarrá-la da forma valor que historicamente a demandou. Nesse limiar,

> por um lado, os progressistas se voltam para o passado, querem evitar a "decadência" dos valores democráticos, e assumem uma posição reativa (que era desde o século XIX a posição dos conservadores clássicos e dos teóricos da decadência). Por outro lado, os populistas de direita, isto é, os reacionários, se tornaram "progressistas" no sentido de que querem acelerar o tempo e adiantar o futuro – mas por isso são apocalípticos. Apocalípticos porque *amigos do apocalipse*, porque eles não têm pudor em acelerar o processo de devastação do meio ambiente, em aniquilar pessoas (ou simplesmente deixar morrer, como no caso italiano em que impediram que um barco de refugiados atracasse) e em transformar a sociedade em uma guerra de todos contra todos em que sobrevive o mais armado – e isso não é nenhum "retorno à Idade Média", é o próprio ápice do desenvolvimento capitalista, cuja verdade não é nenhuma versão democrática e luminosa de sociedade, mas sim esse grande Nada destrutivo. Daí a afinidade entre niilismo e a "ponte para o futuro" (ou o cínico "future-se"). A referência temporal dessa nova direita não é nenhum passado, mas essa "nova era", que é, para eles, "*a última cruzada*" (para usar o título de uma grotesca série sobre "história" do Brasil produzida por um grupo de direita bem amparado financeiramente, e que já foi vista por quase 2 milhões de pessoas). Enquanto para a nova direita "tudo que é sólido se desmancha no ar", a esquerda mais do que nunca tenta se agarrar àquilo que parece firme. E então ocorrem coisas estranhas: nunca se deu tanta carteirada com títulos, prêmios etc. Como resposta ao ressentimento anti-intelectual, ao ataque à universidade e às figuras grotescas da direita (como Olavo de Carvalho e cia.), a esquerda se torna bacharelista, fazendo autoelogio contabilizando os pontos no Lattes e ostentando título de doutorado. Uma atitude que, além de vergonhosa, não poderia ser pior do

> ponto de vista estratégico" (CATALANI, 2019, s.p, grifos do autor).

Uma resposta crítica à catástrofe em curso careceria, portanto, tomar como pressuposto se despir da positividade do progresso e ter em conta precisamente o teor negativo e destrutivo do progresso e da modernização. O caminho oposto apenas tende a repor o movimento que nos leva com todo vapor ao colapso societário.

Breves apontamentos sobre linguagem e radicalismo de direita

O filólogo alemão Victor Klemperer (2009, p.177-198) apresenta, a partir de diálogos cotidianos ocorridos durante o período hitlerista, como a fé inabalável em Hitler como personificação de concretude e confiança foi decisiva para a catástrofe daquele período. Ao conversar com distintos apoiadores do *reich* sobre a derrocada do nacional-socialismo quando esta já era nítida, Klemperer ouviu invariavelmente repostas como "Ah!, mas o que se ouve no exterior é tudo mentira"; "Eu sou um reles cabo, não entendo de estratégia o suficiente para poder julgar. Mas há poucos dias o Führer disse que seguramente haveremos de vencer, que a vitória é certa. Ele nunca mentiu. Eu acredito em Hitler. Deus jamais o abandonaria. Eu acredito em Hitler"; ou ainda: "Não interessa perceber, o que interessa agora é acreditar! O Führer não vai desistir, e o Führer não pode ser derrotado. Ele sempre descobriu um caminho quando os outros supunham que não havia saída. Não, com os diabos, não! Não interessa compreender, temos é de acreditar! *Ich glaube an den Führer* [eu acredito no Führer]".

Vemos, a partir de Klemperer, que o perfil dos apoiadores de Hitler era tão amplo quanto diverso. Contudo, invariavelmente ele era caracterizado por uma fé e uma confiança que prescindiam

inclusive de qualquer confirmação objetiva. "Nele eu acredito! ": essa é a fórmula e a única coisa que de fato importa. É evidente que, para além do perfil sociopsicológico desses grupos, a força da propaganda nazista exercia um papel decisivo – não ocasionalmente Joseph Goebbels, o Ministro da Propaganda nazista, pode ser considerado por muitos como o segundo homem mais importante da Alemanha naquele período. Mas não apenas pelos meios oficiais a linguagem da propaganda do Reich se fazia presente. A LTI – Linguagem do Terceiro Reich – comparecia desde discursos políticos a programas de rádio aparentemente despretensiosos.[10] O fundamental é que no domínio dessa linguagem "tudo é *historisch* [histórico], *einmaling* [único] e *ewig*" [eterno/divino] (Ibidem, p.187). Robert Ley, chefe da *Deutsche Arbeitsfront* [Frente de Trabalho Alemã], por ocasião da inauguração *Hitlerschule* [Escola de Hitler], em 1938 afirma "*win haben den Weg in die Ewigkeit gefunden* [encontramos o caminho para eternidade]". Nos exames de conclusão de cursos era comum, relata Klemperer era comum haver a pergunta: "*Was kommt nach dem Dritten Reich?* [o que vem depois do Terceiro Reich?]. Se um ingênuo ou um novato respondesse das *vierte Reich* [o Quarto Reich], era eliminado, mesmo que possuísse bons conhecimentos técnicos. A resposta correta era: "*Nichts kommt dahinter, das Dritte Reich ist das ewige Reich der Deutschen* [Nada, pois o Terceiro Reich é o eterno Reich dos alemães]" (Ibidem).

Essa dilatação temporal associada ainda a promessas vagas e confusas sobre o futuro, sobre o qual pouco se sabe para além de que

[10] Adorno (2015, p.151) menciona o exemplo de um padre fascista da Costa Oeste estadunidense – que em muito se valia da mesma linguagem, adaptando-a, evidentemente às particularidades do país – que em de seus programas de rádio afirma: "vocês não conseguem ver que, a não ser que exaltemos a santidade do nosso Deus, a não ser que proclamemos a justiça de Deus neste nosso mundo, a não ser que proclamemos a existência de um paraíso e de um inferno, a não ser que proclamemos o fato de que sem a remissão, *sem derramamento de sangue*, não há remissão do pecado? Vocês não conseguem ver que somente Cristo e Deus dominam e que a revolução vai tomar esta nação de nós? " Leia-se: "*judenblut mub flieben*" – o sangue judeu deve jorrar.

será eterno e divino, além de despertar emoções tanto recalcadas quanto reprimidas no ouvinte, comunica-se ao fato de que "os seguidores acabarão sendo trapaceados e, que, assim os líderes precisam evitar qualquer formulação que posteriormente tenham de reafirmar" (ADORNO, 2015, p.141). Se o *reich* é eterno, tudo que ainda não se concretizou ainda está por se concretizar. Nesse domínio nada poder ser falso. E ainda que o novo radicalismo de direita atinente ao contexto de colapso da modernização tenha um teor puramente destrutivo e sequer possa preencher sua retórica com qualquer conteúdo acerca da eternidade, muitos dos "truques" característicos à propaganda fascista persistem a ser mobilizados consciente ou inconscientemente. Lembremo-nos que em janeiro de 2020 o então Secretário de Cultura, Roberto Alvim parafraseou o ministro da propaganda nazista Joseph Goebbels durante um pronunciamento que tinha inclusive um cenário muito similar ao que Goebbels costumava utilizar em suas falas.[11] Na ocasião Roberto Alvim disse que "a arte brasileira da próxima década será heroica e será nacional. Será dotada de grande capacidade de envolvimento emocional e será igualmente imperativa, posto que profundamente vinculada às aspirações urgentes do nosso povo, ou então não será nada", algo muito próximo à declaração de Goebbels de que "a arte alemã da próxima década será heroica, será ferrenhamente romântica, será objetiva e livre de sentimentalismo, será nacional com grande *pathos* e igualmente imperativa e vinculante, ou então não será nada". Quatro meses mais tarde seria a vez do próprio Jair Bolsonaro junto à ministra da Agricultura, Tereza Cristina e o presidente da Frente Parlamentar da Agropecuária (FPA), deputado

[11] Cf. https://brasil.elpais.com/brasil/2020-01-17/secretario-da-cultura-de-bolsonaro-imita-discurso-de-nazista-goebbels-e-revolta-presidentes-da-camara-e-do-stf.html.

Alceu Moreira (MDB-RS), reproduzirem um gesto supremacista ao tomarem leite simultaneamente durante uma *live*.[12] Na ocasião o presidente justificou que o ato apenas aderia ao desafio da Associação Brasileira dos Produtores de Leite (Abraleite) que propôs que eles gravassem vídeos tomando um copo de leite como forma de valorizar o setor leiteiro e apoiar o consumo de leite e derivados no período de pandemia do coronavírus.

E não apenas no governo Bolsonaro podemos encontrar signos que se comunicam à linguagem e estética fascista. A votação do prosseguimento de *impeachment* contra a ex-presidente Dilma Rouseff, realizada em Abril de 2016, também está repleta de elementos próprios a esse tipo de retórica. Assim como nos discursos cuidadosamente arquitetados por Goebbels, e repetidos até de modo inadvertido pelos simpatizantes de Hitler, tudo ali era histórico, único, eterno e divino e uma *ponte para o futuro*[13]: "Jamais a nação viveu os tormentos que vive no presente. A cada dia a situação se agrava, a cada hora quase 300 brasileiros perdem seu emprego. Não há nenhum canto no país em que se possa vislumbrar no rosto das pessoas algum sinal de esperança. *Não estamos julgando os muitos crimes cometidos pela presidente* Dilma Rousseff, diariamente presentes nas manchetes de jornais. Estamos a decidir o futuro de um país destroçado por uma presidente da República que, com sua arrogância, fulminou o Parlamento", dizia o Deputado Miguel Haddad (PSDB/SP). "Hoje é o dia decisivo, em que vamos escolher o

[12] Cf. https://noticiapreta.com.br/durante-live-bolsonaro-toma-copo-de-leite-simbolo-nazista-de-supremacia-racial/.

[13] Adorno (2015, p.149) salienta que "fetichizar a realidade e as relações de poder estabelecidas é o que tende, mais do que qualquer outra coisa, a induzir o indivíduo a abdicar de si mesmo e entrar na suposta onda para o futuro", mesmo que não haja qualquer conteúdo concreto no dito futuro.

Brasil que queremos daqui para frente. Pelo voto dado, seremos marcados e julgados *para sempre*. Teremos oportunidade de escolher de que forma queremos *entrar para história*. Pela porta da frente, com o *impeachment*, ou pela porta dos fundos, de mãos dadas com uma presidente que mentiu para o país e levou o país para a mais profunda crise", afirmava o Deputado Antônio Imbassahy PSBD/BA).

Theodor Adorno (2015), a partir do estudo sobre a propaganda fascista alemã e sobre como os novos radicais de direita dos Estados Unidos a partir da década de 1950 propagavam suas ideias, nos apresenta um panorama dos padrões desses discursos: Esses indivíduos "despedem grande parte de seu tempo falando sobre si mesmo e sobre suas audiências", "referem- se a si mesmos como mensageiros daquele que está por vir", "substituem os fins pelos meios", falam repetidamente sobre "este grande movimento" (p.138-9). Recorrem repetidamente a falas como: "que nós possamos demonstrar ao mundo que existem patriotas, homens e mulheres cristãos temente a Deus, que ainda estão dispostos a dar suas vidas à causa de Deus, ao lar e à pátria" (p.140). Falas que em muito se assemelham às de Jair Bolsonaro e seu séquito, expressa inclusive em seu *slogan* na campanha presidencial de 2018: "Brasil acima de tudo, Deus acima de todos". Constantemente essas pessoas "contam histórias escandalosas, a maioria fictícias, particularmente de excessos sexuais e atrocidades", (Ibidem) algo próximo da *fake news* acerca das mamadeiras eróticas que seriam distribuídas em escolas por iniciativa do Partido dos Trabalhadores. "A indignação com a obscenidade e a crueldade nada mais é, entretanto", segundo Adorno que "a fina racionalização, propositalmente transparente, do prazer que essas histórias proporcionam ao ouvinte" (Ibidem). Um agitador

fascista da Costa Oeste estadunidense ao noticiar um falso decreto soviético legalizando a prostituição de mulheres russas diz que "ninguém verdadeiramente homem ouviria tais fatos sem sentir um frio na espinha". "A ambivalência implicada neste artifício do frio na espinha [*tinkling backbone*] é evidente" (p.141), afirma Adorno.

Outro ponto decisivo é que "a propaganda fascista ataca fantasmas [*bogies*], e não oponentes reais, ou seja, constrói um imaginário do judeu ou do comunista, separa-o em pedaços sem prestar muita atenção a como este imaginário se relaciona com a realidade", o que tem por implicação a possibilidade de maior identificação por parte do ouvinte, vez que este para "seguir" tais ideias "não tem que construir exatamente um pensamento, pois pode abandonar-se passivamente a uma corrente de palavras na qual mergulha" (Ibidem). Esse conjunto de técnicas retóricas historicamente talhadas e reproduzidas demonstra para Adorno que tais posturas não são filhas de qualquer "irracionalismo" como compreendido por Lukács (2020), são, ao contrário, frutos da própria razão que traz em seu âmago a tendência a uma "calamidade triunfal". O radicalismo de direita não deve tributo "a uma espécie de acidente genético, que possibilita o afloramento de impulsos atávicos" (KURZ, 2020, p.23). Se não se trata de uma irracionalidade do ponto de vista da constituição mesma da racionalidade ocidental, também não o é do ponto de vista puramente psíquico. Pois ainda que

> a mentalidade do agitador fascista reflita em alguma medida a confusão mental de seus possíveis seguidores, e que também seus líderes sejam eles próprios de tipo histérico ou mesmo paranoico, eles aprenderam, a partir e do exemplo enfático de Hitler, como utilizar suas próprias disposições neuróticas ou psicóticas para fins totalmente adaptados ao princípio de realidade (*realitätsgerecht*). As condições prevalecentes em nossa sociedade tendem a transformar a neurose e até mesmo a loucura moderada em

> uma mercadoria, que o doente pode facilmente vender, bastando que ele descubra que muitos outros têm uma afinidade com sua própria doença. O agitador fascista é usualmente um exímio vendedor de seus próprios defeitos psicológicos. Isso somente é possível devido a uma similaridade estrutural geral entre seguidores e líder (ADORNO, 2015, p.144).

A aparente irracionalidade loucura ou mesmo estupidez desses indivíduos comunica-se muito mais a uma espécie de ritual arquitetado precisamente para despertar identificação no expectador passivo que, ressentido, confuso e constrangido pela objetividade social, tende a encontrar na neurose e na conspiração algum nível de concretude que o preserve egoicamente de tal objetividade. Por isso os líderes dos velhos e dos novos radicais de direita "gritam e choram, lutam contra o demônio em pantomimas e tiram seus casacos ao atacarem aqueles poderes sinistros", "não conhecem inibições ao se exprimir", "violam tabus que a sociedade de classe média colocou sobre qualquer comportamento expressivo por parte do cidadão normal e realista" (Ibidem). Nessa medida, "os agitadores fascistas são tomados a sério porque arriscam a se passar por tolos". O próprio Hitler "foi aceito, não apesar de suas bizarrices baratas, mas precisamente por causa delas". E "esse caráter fictício é o elemento vital das *performances* da propaganda fascista" (Ibidem, p.145, grifos do autor). Por isso, não apenas não é ocasional como extremamente comum

> muitas pessoas com atitude religiosa falsa entre os agitadores fascistas [...]. Psicologicamente, entretanto, o que permanece da antiga religião, neutralizado e desprovido de qualquer conteúdo dogmático específico, é colocado a serviço da atitude ritualística fascista. Linguagem e formas religiosas são utilizadas para fornecer a impressão de um ritual sancionado, que é realizado por alguma "comunidade". O conteúdo religioso e político específico é substituído por algo que pode ser resumidamente denominado o *culto do existente*. [...] Ele significa explicitamente que o que é e que logo tenha estabelecido a

> sua força é também certo, é também princípio consistente a ser seguido (Ibidem, p.148, grifos do autor).

A máscara de religiosidade coligada à linguagem e à estética próprias à personalidade autoritária consonante ao radicalismo de direita, fornece precisamente aquela imagem de concretude almejada ante a dissolução das categorias fundamentais da sociedade capitalista. O medo trasmudado em ódio, por um lado ataca e aniquila tudo o que vive, por outro imputa o "eterno" – bem representado pela fé judaico-cristã – como índice de um mundo possível.

Considerações Finais

A presente elaboração apresentou de maneira sintética – como demanda o formato da publicação – alguns elementos que nos subsidia a compreensão do sentido histórico do radicalismo de direita contemporâneo personificado no bolsonarismo. Evidentemente, não foi possível aqui desdobrar de maneira pormenorizada cada um desses elementos no campo de forças que os coliga, o que não nos impediu de estabelecer alguns nexos que julgamos essenciais: em síntese, na medida em que – para nos valermos dos já mencionados termos de Horkheimer – "o fascismo fixa os resultados sociais do colapso capitalista", antigos e novos elementos do radicalismo de direita são trazidos à tona. E se, indubitavelmente, a tendência atual de colocar sob o "guarda-chuva" do fascismo os mais variados matizes de despautérios políticos e sociais não expressa mais que a própria inconsciência sobre o caráter histórico da catástrofe hodierna, isso não implica que qualquer aproximação entre o velho e o novo radicalismo de direita seja descabida. Os dois momentos da história se comunicam ao mesmo campo de referências, qual seja, o de

imposição da abstração real moderna: se outrora a imposição das categorias que a perfaz; agora a dissolução dessas categorias mesmas, sem, no entanto, abolir a forma que as demandou e constituiu historicamente. Nesse arco da história da modernização, se outrora o fascismo operou como uma espécie de parteira da democracia – como Kurz (2020) demonstrou em relação ao Estado alemão –, uma vez instaurada e transistoricizada na consciência cotidiana, a democracia mesma passou a operar como uma espécie de útero, ou de incubadora, de tendências fascistas – que se não correspondem ao fascismo clássico, compartilham com ele elementos decisivos. Por isso é, um equívoco a compreensão de que o momento atual corresponde a um retrocesso, a uma regressão, ou mesmo a uma irracionalidade. Trata-se em verdade do desdobramento histórico da racionalidade do progresso. Desdobramento esse que se se revela como neurose coletiva e idolatria da morte não deixa de se pôr também como prática racionalizada de extermínio. A dissolução do social não se dá evidentemente apenas no nível de uma subjetividade destroçada pelos mecanismos de coerção social, mas se revela, objetivamente e, no limite, na aniquilação direta da vida.

REFÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. *O que significa elaborar o passado*. In: _____. *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.

_____. *Antissemitismo e propaganda fascista*. In: ADORNO, T. W. *Ensaios sobre psicologia social e psicanálise*. São Paulo: Unesp, 2015.

_____. *Estudos sobre a personalidade autoritária*. São Paulo: Unesp, 2019.

_____. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. São Paulo: Unesp, 2020.

ADORNO, Theodor & HORKHEIMER, Max. *Dialética do Esclarecimento*. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

ALFREDO, Anselmo. *Crítica à economia política do desenvolvimento e do espaço*. São Paulo: Fapesp/Annablume, 2013.

ARANTES, Paulo. *Sentimento da dialética*. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

BONIFÁCIO, Frederico Rodrigues. *Deus e o diabo na terra do sol: crise, conservadorismo e necessidade do mal no Brasil contemporâneo*. Dissertação (mestrado) IGC/UFMG. Belo Horizonte, 2018.

CANDIDO, Antônio. Prefácio. In: CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

CARNEIRO, Maria Luiza Tucci. *O anti-semitismo na Era Vargas*. São Paulo: Brasiliense, 1988.

_____. *Cidadão do mundo: o Brasil diante o Holocausto e dos judeus refugiados do nazifascismo (1933-1948).* São Paulo: Perspectiva, 2010.

CATALANI, Felipe. *A decisão fascista e o mito da regressão: o Brasil à luz do mundo e vice-versa*. Blog da Boitempo, 23 jul. 2019.

_____. *Depois da meia-noite do século: Adorno e as análises do fascismo*. In: ADORNO, Theodor. *Aspectos do novo radicalismo de direita*. São Paulo: Unesp, 2020.

GOLDFARB, Michael. *Quem são os eleitores fieis a Trump?* Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/internacional-37826604, 2016.

HARVEY, David. *O enigma do capital*. São Paulo: Boitempo, 2011.

HEIDEMANN, Heinz Dieter. *Os migrantes e a crise da sociedade do trabalho: humilhação secundária, resistência e emancipação.* In: *Serviço Pastoral dos Migrantes. Migrações: discriminações e alternativas*. São Paulo: Paulinas/SPM, 2004.

JAPPE, Anselm. *La societé autophage : capitalisme, démesure et autodestruction.* Paris: La Découvete, 2017.

KLEMPERER, Victor. *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2009.

KURZ, Robert. *A ascensão do dinheiro aos céus*. Disponível em: http://www.obeco-online.org/rkurz101.htm, 1995.

_____. *Buracos de rato para elefantes*. Disponível em: https://www1.folha.uol.com.br/fsp/1996/12/01/mais!/24.html, 1996.

_____. *Schwarzbuch Kapitalismus*. Frankfurt: Eichborn Verlag AG, 1999.

_____. *Dinheiro sem valor: linhas gerais para uma transformação da crítica da economia política*. Lisboa: Antígona, 2014.

_____. *A democracia devora seus filhos*. Rio de Janeiro: Consequência, 2020.

LEFEBVRE, Henri. *Critique de la vie quotidienne II – Fondmonsts d'une sociologie de la quotidienneté*. Paris: Arche, 1980.

LENIN, Vladimir Ilitch. *Imperialismo, estágio superior do capitalismo*. São Paulo: Expressão Popular, 2012.

LESSER, Jeffrey. *O Brasil e a questão judaica: imigração, diplomacia e preconceito*. Rio de Janeiro: Imago, 1995.

LUKÁCS, Georg. *A destruição da razão*. São Paulo: Instituto Lukács, 2020.

MANN, Thomas. *Doutor Fausto*. Rio de Janeiro: Nova Fonteira, 1984.

MARTINS, José de Souza. *Exclusão social e a nova desigualdade*. São Paulo: Paulus, 2007.

MARX, Karl. *O Capital: crítica da economia política*. São Paulo: Nova Cultural, 1986.

_____. *Crítica da filosofia do direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2010.

MENEGAT, Marildo. *A crítica do capitalismo em tempos de catástrofes: o giro dos ponteiros no pulso de um morto e outros ensaios*. Rio de Janeiro, Consequência, 2019.

MESSADIÉ, Gerald. *História geral do anti-semitismo*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

NIETZSCHE, Friedrich. *O nascimento da tragédia: ou Helenismo e pessimismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

POSTONE, Moishe. *Antissemitismo e nacional-socialismo*. In: *Revista Sinal de Menos*, n.8, 2012.

ROICHMAN, Carlos Barreto Campello. *Faca, peixeira, canivete: uma análise da lei do feminicídio no Brasil*. In: *Revista Katál.*, Florianópolis, v. 23, n. 2, p. 357-365, maio/ago.

SAFATLE, Vladimir. *Preparar-se para a guerra*. Disponível em: https://brasil.elpais.com/opiniao/2020-04-20/preparar-se-para-a-guerra, 2020.

SCHOLZ, Roswhita. *O valor é o homem: teses sobre a socialização pelo valor e a relação entre os sexos*. Disponível em: http://www.obeco-online.org/rst1.htm, 1992.

_____. *O ser-se supérfluo e a "angústia da classe média": o fenómeno da exclusão e a estratificação social no capitalismo.* Disponível em: http://www.obeco-online.org/roswitha_scholz8.htm, 2008.

_____. *O ódio às mulheres está novamente a aumentar*. Disponível em http://www.obecoonline.org/roswitha_scholz26.htm, 2017.

Submetido em: 29 de setembro de 2021.

Devolvido para revisão em: 16 de fevereiro de 2021.

Aprovado em: 18 de fevereiro de 2022.

Como citar este artigo:

BONIFÁCIO, F. R. O Bolsonarismo como aspecto do colapso da modernização: Apontamentos sobre a catástrofe brasileira. **Terra Livre,** v. 1, n. 56, p. 15-55, Jan.-Jun./2021.